

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA BEATRIZ ROCHA DE ALENCAR
TELMA LOW SILVA JUNQUEIRA

**A APOSTA NO AMOR COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA NA
UNIVERSIDADE**

Maceió
2023

MARIA BEATRIZ ROCHA DE ALENCAR
TELMA LOW SILVA JUNQUEIRA

**A APOSTA NO AMOR COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA NA
UNIVERSIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, orientado pela Profª. Drª. Telma Low Silva Junqueira como requisito para obtenção do título de bacharel em psicologia.

Maceió
2023

A APOSTA NO AMOR COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Maria Beatriz Rocha de Alencar¹

Telma Low Silva Junqueira²

RESUMO

Neste artigo ousou discorrer sobre como o amor se tornou um dispositivo potente no meu percurso na universidade. Enquanto estudante de psicologia, do início ao fim da graduação, o amor e os vínculos amorosos que teci influenciaram no modo como me construí enquanto estudante, me convidando à uma formação crítica e implicada no e com o processo de produção de ciência. O ingresso, a permanência e a conclusão de um curso universitário envolvem vários desafios e comigo não foi diferente. Para além de sobreviver na academia, consegui vivê-la de maneira única, com altos e baixos, que são muitas vezes específicos da minha história, e outros que são comuns a tantas pessoas. Escrevo, portanto, buscando entender onde o específico e geral se encontram e como o amor os atravessam. Parto de uma escrita autoetnográfica, que se deu de forma situada e pessoal, visando transgredir a impessoalidade na produção científica, que tanto marca a ciência positivista e ocidental, que se quer fazer hegemônica. Ao pontuar os desafios que enfrentei, como a sobrecarga, o luto, a pandemia de covid-19 e alguns outros, o amor se mantém e se manteve como ponto comum nas relações que eu construí enquanto sobrevivia a tais situações. Logo, as vivências, leituras e reflexões que teci sobre o amor no cotidiano da universidade me convidaram a pensar e apostar na expansão da prática amorosa como estratégia para permanência discente na academia. Uma das principais contribuições que esse processo de escrita me ofertou foi o convite a pensar que estar rodeada de amor não sana as dores, mas facilita vivê-las e passar por elas, e foi assim que consegui entrar, permanecer e concluir a tão sonhada universidade.

Palavras-chave: Afeto; Autoetnografia; Permanência na universidade; Produção de conhecimento.

Primeiras palavras.

“Manter-me aberta para o amor foi crucial para minha sobrevivência acadêmica” (hooks, 2021, p. 118)

Escrever sempre foi um desafio para mim por diversos motivos, mas escrever sobre o que, há algum tempo, é central na minha vida, se torna mais fácil e prazeroso. Falar de amor e

¹ Graduanda de psicologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e-mail: maria.alencar@ip.ufal.br.

² Professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/Ufal), e-mail: telma.low@ip.ufal.br.

como ele se faz presente na minha graduação, sob minha perspectiva atual, entendendo que em alguns anos posso ter uma leitura diferente das histórias a serem contadas aqui, é doloroso e libertador. A partir da frase acima, de bell hooks em “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” (2021), introduzo algumas reflexões acerca do que escolhi escrever: De que amor estamos falando? A que e a quem precisamos sobreviver? Como esse amor influencia essa sobrevivência na academia?

O amor é algo que passa entre o óbvio e o desconhecido com muita fluidez. Sabemos que amamos, mas sabemos como amar? E o que é o amor? Sempre gostei de falar de amor e de ouvir sobre histórias que aquecem e me faziam esperar sobre tudo que minha vida podia se tornar. Romance sempre foi meu gênero preferido de filmes e livros, por me levar a um lugar de conforto e que muitas vezes foram refúgios de dores que eu não sabia/sei como lidar. Expandir meu gosto pelo amor e buscar identificar em que lugares ele estava presente na minha rotina me fez conhecer outras faces do mesmo amor.

O amor que cito aqui é o decifrado por bell hooks (2021), é um amor que deseja o crescimento de si e do/a outro/a, é um ato de vontade. Nessa escrita, esse sentimento, posto de forma tão potente, não será restringido ao amor romântico contado nos filmes e livros de comédias românticas e romances clichês que citei e que me divertem muito quando os consumo. Para amar verdadeiramente, bell hooks traz que precisamos misturar vários ingredientes como “carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (2022, p.47) e, mesmo estando presente nas relações românticas, o amor deve ser constante e o mesmo; apesar de único, em todas as relações, ele precisa tomar centralidade em todos os espaços que lhe cabe. Tal intenção e ação de amar é mais potente quando as colocamos em cada tomada de decisão, logo “amar é um ato político, e, como todo fazer político, o amor enfrenta desafios.” (NOGUEIRA, 2020, p.187)

As dualidades que envolvem o amor escancaram nossa visão limitada sobre seu fazer-sentir. A noção cristalizada e romantizada de que amar tem que ser fácil, que não encontrará desafios e dores nos faz não reconhecer que o amor é prática amorosa, que apesar de enfrentar dificuldades, foi/é a solução para muita coisa, se não tudo. Em consonância com minha interpretação do amor que bell hooks escreve, vejo o amor se expandindo nas mais diversas relações. Recorro a música “Principia” (2019), do Emicida com participação do Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza e das Pastoras do Rosário, quando descrevem que “O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo / No vínculo de todas as cores dizem que o amor é amarelo [...] O amor é o segredo de tudo / E eu pinto tudo em amarelo”.

E é por isso que escolho bell hooks e sua explicação do que verdadeiramente é o amor. Através de sua escrita percebo como posso reconhecê-lo e desenvolvê-lo em minhas relações. Assim como Emicida o faz na música, percebo como o amor é possível e é contado por ela de modo enlaçado nas suas relações pessoais, profissionais, na rotina, na espiritualidade e em comunidade, tal qual está enlaçado nas minhas vivências, com desafios e sendo solução.

Assim como o amor encontra desafios, fazer o que ama também encontra e enfrenta. Gloria Anzaldua, em *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (2000), expõe através de suas vivências escritas por vários dias, diversos dificultadores da escrita, como a invisibilidade de ser escritora quando os marcadores sociais se interseccionam e o tempo e energia lhes são sugados “depois de cuidar do marido ou amante, crianças, e muitas vezes do trabalho fora de casa” (2000, p. 233). Tais cargas se repetem como complicador para a permanência de muitas pessoas estudantes na universidade, especialmente mulheres, na minha inclusive.

Ao observar a universidade enquanto espaço de produção científica que necessita de atenção, tempo, energia, e na qual a oralidade e as artes por si só, por exemplo, não são suficientes, percebe-se a presença e influência desses fatores se tornando agravantes para evasão. Logo, trabalhar para se sustentar, sustentar sua família, cuidar da casa e filhas/os, dentre outros, são processos aos quais precisamos sobreviver para permanecer no exercício de atividades que tomam tempo, atenção e energia, mas que também amamos fazer, como a escrita para Gloria Anzaldúa, e estar na universidade para mim.

Mas, apesar de todos esses desafios da sobrecarga de atividades e sobreposições de funções sociais, Anzaldua permanece escrevendo e, ao apresentar o porquê de persistir, nos inspira e nos afeta frente às reverberações e sentidos que a escrita produz em nossas vidas. Assim, inspirada nela, posso dizer que eu, e muitas outras pessoas, mas focarei aqui em mim, permaneço na universidade e ousar tentar protagonizar o processo de produção de ciência

Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. (ANZALDÚA, 2000, p. 234)

Por essas razões, escolhi escrever sobre amor e como ele influenciou minha trajetória acadêmica, desde os motivos para estar e permanecer na universidade até o amar estar naquele espaço. Para além de sobreviver na academia, consegui vivê-la de modo único, com altos e baixos, que são muitas vezes específicos da minha história, e outros que são comuns a tantas

pessoas. Escrevo para entender onde o específico e geral se encontram e como o amor os atravessam.

Em primeira pessoa.

A construção de uma ciência que seja lida e que é desejada na academia é uma construção com início, meio e fim estabelecidos, escrita por pessoas e em formatos padrões. No meu tempo de universidade, me deparo com um processo inicial de transição e subversão de um percurso de formação que tem como primeira ordem o distanciamento entre objeto de pesquisa e a/o pesquisadora/pesquisador. Tal necessidade de distanciamento que é imposta, é no mínimo confusa quando pessoas pesquisam sobre e com pessoas, que possuem vivências passíveis de identificação e conexão.

Estando no início da abertura de outras possibilidades de construção de saber, passei por disciplinas com docentes que resumem seus referenciais teóricos a homens brancos europeus e norte-americanos, assim como conheci docentes que introduziram outros materiais e referenciais, de outras/os autoras/es em suas aulas e pesquisas, e vi discentes produzindo de formas pessoais, construindo um olhar para fora das produções genéricas e distantes das realidades vividas por grande parte da graduação.

Dessa forma, um modo de fazer conhecimento que é tradicional e dominante está posto, com um forte discurso hegemônico, e um “novo” está em possibilidade de escolha. Não fazer uma escolha é tomar uma decisão em que se opta por dar continuidade ao que está posto. É indo contrária ao modo dominante de produção de conhecimento, que escolho escrever de modo pessoal e subjetivo, e ainda de modo acadêmico. O faço entendendo que me posiciono de um lugar e tempo específicos, que estes influenciam na minha percepção e escrita, e desejando corresponder ao que é demandado por Grada Kilomba como

uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e um lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros (2019, p.58).

Apresentar experiências pessoais na academia é uma exposição a qual não estamos acostumadas e confortáveis a fazer, ou se quer é desejado enquanto demonstração científica no que é escolhido chamar de ciência, na perspectiva ocidental e positivista. E dentre as formas subversivas de escrita, é na autoetnografia que encontro a possibilidade de devolver sinais de vida e afetividade à minha produção acadêmica, de modo situado no meu tempo e lugar, conhecendo também o que atravessa/atravessou minhas vivências socialmente e internamente.

A autoetnografia, como a usada por Gama (2020), possibilita a reflexão a partir da minha própria experiência para analisar questões maiores que eu, que estão presentes em narrativas e vivências de outras pessoas. A escrita aqui posta é fruto de uma construção de conhecimento que apresenta múltiplos níveis de consciência e reflexividade que vinculam o pessoal ao social e outros conhecimentos e teorias já produzidas, que servem de referencial teórico para tais reflexões.

Essa escrita se dá a partir dos diálogos e encontros nos corredores da universidade, e em chamadas online com o único objetivo de nos acolher em meio a uma pandemia viral. Esses momentos me lançaram a refletir e compartilhar afetações, questionamentos e possibilidades sobre a potencialidade do afeto num espaço que muitas vezes é eficiente na produção de hostilidade, e no qual não se estimula a amorosidade nem aos/às outros/as e nem a si. É a partir dessa escolha que consigo me manter escrevendo, entendendo a necessidade de fazê-lo a partir da minha perspectiva, sendo minha vivência passível de identificação para/com outras pessoas.

E nessa autoetnografia, enfim me apresento: sou uma mulher parda, nascida e criada em Alagoas, nordeste brasileiro e com ancestralidade do sertão nordestino até onde conheço da história dos/as que vieram antes de mim. Sou uma mulher cisgênera, heterossexual, sem deficiência, cristã e no momento em que escrevo tenho 21 anos. Estudo Psicologia na Universidade Federal de Alagoas e me proponho a escrever aqui meus passos e meus sentidos na trajetória amorosa que segui até finalizar esta escrita.

Em comunidade.

Entrar na universidade foi um processo guiado por lutas e privilégios. Nos últimos 4 anos de colégio, fui bolsista de uma escola particular bem-conceituada de Maceió e que prepara estudantes para o vestibular – isso me pôs em um lugar de privilégio. Mas um lugar que foi conquistado e mantido devido à luta da minha mãe e de meu pai junto a mim. No entanto, como dito, passei por um processo de aprendizagem voltado para aprovação no vestibular, que pouco me assegurava para o que viesse depois dele, fosse a aprovação ou reprovação. Ingressar na Universidade Federal de Alagoas era um objetivo carregado pelo desejo de me provar capaz, atrelado sempre aos pensamentos de “não quero e não vou permitir que meus pais voltem a pagar pelos meus estudos”. A matrícula no curso de psicologia foi desejada e comemorada, mesmo não sendo a minha primeira opção. Me encontrar na psicologia foi meu maior golpe de sorte até aqui.

Estando na universidade, me vi absolutamente perdida e um milhão de dúvidas povoavam minha mente e fala. As regras e costumes das escolas que frequentei até então não eram postas ali, na maioria das vezes não havia livros didáticos que conduziram as aulas e o assunto era mostrado de outras formas, muito dependia de mim e por mais que pareça óbvio, para mim não era. Existiam planos de aula, mas buscar o conteúdo antes da aula e efetivamente debater era novo, no entanto era esperado por professores/as que eu soubesse me posicionar e falar em sala, apesar de isso ter sido pouquíssimo incentivado durante minha vida escolar. Pouco dessas incompreensões foram tiradas pela coordenação ou direção de curso. Foram nas conversas de corredor, com veteranas/os e as amigas que fui construindo, que fui entendendo aos poucos como meu curso seria construído por mim e por minhas escolhas a partir das opções que havia, fui entendendo como a experiência ali era única e mutável.

O Centro Acadêmico do curso estava em processo de reestruturação após anos desativado, então algumas pessoas que estavam no curso resolveram assumir esse papel enquanto representação discente e reerguer esse espaço de luta, no mesmo momento em que minha turma ingressava no curso. Nesse processo de reestruturação, parte da minha turma entrou na chapa para compor o Centro Acadêmico – CAPSI – e escolher não entrar nesse processo foi uma decisão que tomei ao me ver como alguém que pouco tinha a acrescentar naquele espaço. Me via com discurso político pouco desenvolvido, conhecia pouco do curso, pouco de questões da universidade e das pautas pela qual o CAPSI iria à luta. Hoje reconheço-me no passado (e ainda no presente), nos questionamentos, pontuados por Gloria Anzaldúa, quando escreve para mulheres de terceiro mundo: “O que temos para contribuir, para dar?” (2000, p. 230).

bell hooks, em “Tudo sobre amor” (2021), fala sobre o estabelecimento de comunidades amorosas, e coloca em contraste o funcionamento de movimentos por mudanças sociais em relação a essas comunidades. No entanto, a autora também pontua que podemos criar uma comunidade onde quer que estejamos. E foi desse modo que vi acontecer a construção do CAPSI, que começou “com um sorriso, um cumprimento caloroso, um pouco de conversa” (hooks, 2021, p. 175) e se desenvolveu em algo cheio de troca, aprendizado e amor. Minha entrada no centro acadêmico não acontece nesse momento, mas estando presente nas atividades realizadas e até em organizações e reuniões, passei a sentir, mesmo que não integralmente, o aconchego que era relatado por amigas/os que estavam lá antes de mim.

Uma das pessoas que mais me contou das trocas de carinho, conquistas e embates que permeavam a ocupação desse espaço se tornou um grande amigo para mim. Pude ver esse amor e afeto que ele contava, escritos na nota de pesar postada no dia de seu falecimento. Ele foi a

pessoa que entrou no curso comigo e foi meu primeiro amigo naquele lugar absolutamente novo. Nos apresentamos e integramos outros laços. No pouco tempo em que nos apoiamos nas correrias do primeiro período, foi descoberto o seu adoecimento e ainda em menos tempo nos deparamos com a notícia de morte desse alguém com quem tanto aprendi, dei todo amor que podia e recebi de forma muito recíproca esse amor de volta, e isso a morte não pode nos tirar.

bell hooks (2021) traz que não precisamos conter o luto quando o usamos como meio de intensificar nosso amor pelos nossos/as mortos/as, que através da vivência desse luto evitamos o estabelecimento do peso em nossos corações que causa dor emocional e física. Passar por esse processo de perda sem me perder na dor só foi possível por estar em constante partilha e apoio mútuo com pessoas que estavam vivendo aquelas mesmas sensações. Isso proporcionou um acolhimento que nos permitiu vivenciar o luto com a intensidade com que ele nos chegou.

O acolhimento, que veio de pessoas que o conheciam e de quem nunca o vi, se fez presente em diversos momentos, de felicidades e tristezas, e para além do luto. Espaços de construção de vínculos foram se ampliando enquanto eu avançava em tempo e experiências na graduação. Tenho como referência de aconchego na graduação grupos dos quais fiz parte, fossem eles grupos institucionalizados ou informais.

O PET, Programa de Educação Tutorial, esteve presente na minha graduação inteira, estava no acolhimento de calouros/as e promovendo atividades para além da carga horária obrigatória, e a partir do segundo período até o fim da minha graduação fui integrante do grupo. O programa tem como objetivo desenvolver ações extracurriculares que complementam a formação acadêmica baseadas no ensino, pesquisa, extensão e gestão, assim oportunizar aos/as estudantes — participantes do grupo, ou não — possibilidades de ampliar as experiências na formação acadêmica e cidadã. Por ter a presença de pessoas de diversos períodos e um/a tutor/a, professor/a da graduação, e entendendo a individualidade de cada uma dessas pessoas, a experiência no programa sempre varia, cada pessoa traz um pouco de si para o grupo e leva parte dele consigo. O PET psicologia é um, dentre outros grupos PETs na universidade, e se expande para todo o país por estar presente em universidades do Brasil. Então, a troca de experiências e conhecimentos proposta e possibilitada pelo programa é extensa, proveitosa e muito potente.

Mas quando falo da minha presença no grupo, o que me vem em primeiro são as reuniões semanais, que apesar dos cansaços da rotina, eram também um espaço em que, com o tempo, passei a me sentir parte importante. O contato semanal tornou aquelas pessoas diferentes, que possuíam objetivos em comum, em amigas e amigos, que passaram a

compartilhar das dores e alegrias da vida para além das burocracias exigidas, acolher-se e acalantar quando se fazia/faz necessário. No entanto, é importante reconhecer que um dos grandes desafios em permanecer no grupo foi a quantidade de demandas nas quais nos envolvíamos por nos importar com o que fazíamos.

Produzir eventos, relatórios, publicações, processos seletivos, grupos de estudos e pesquisas, tocar uma extensão e manter boas relações foi por vezes mais do que se podia aguentar e conciliar com as outras várias demandas da graduação. No entanto, em grande parte do tempo existia uma abertura do grupo ao levar tais questões às reuniões, embora nem sempre poder sanar ou reorganizar demandas, o acolhimento delas era possível, pelo menos era assim que eu sentia. Sei que outras narrativas podem se dar de outras formas e que elas são tão válidas e justificáveis quanto as minhas, mas aqui falo sobre mim e a forma como atualmente vejo os momentos pelos quais passei, e, ainda que enfrentássemos problemas, pude sentir o amor na convivência com aquelas pessoas. Como já dito, o amor não está ausente quando desafios estão presentes, a forma de lidar com essas questões podem explicitar o quanto que ele se faz naquele espaço.

À distância.

Em 18 março de 2020 foi publicado o primeiro decreto estadual com medidas de proteção e isolamento em decorrência da Covid-19, Decreto Nº 69530. Nele foi previsto o isolamento, a quarentena e conseqüentemente a suspensão de atividades que pudessem contribuir para aglomeração de pessoas, visando a contenção da pandemia. Logo, foram suspensas as aulas, encontros com amigos/as, familiares quem não morassem/vivessem juntos/as, e quaisquer outras atividades “não-essenciais”. Em tempos sombrios, de perdas, lutas, ansiedades e medos, a solidão foi mais um complicador.

Até acharmos formas de nos adaptar ao contexto que vivíamos, se é que era possível alguma adaptação estável diante de tantas mudanças diárias, a quantidade de vítimas aumentando a cada dia e outras notícias que moviam mundos dentro de cada pessoa, a universidade ficou sem aulas. No entanto, muitos programas, projetos, pesquisas e centros/diretórios acadêmicos continuaram ativos. Com o PET em atividade e levando o bordão “O PET não para”, na tentativa de nos mostrar em funcionamento e garantir o pagamento das bolsas, a dualidade se fez presente no acolhimento e no cansaço. A vontade de permanecer no programa e ter pelo menos aquelas trocas por chamadas de vídeo, tanto para resolver burocracias quanto para rir e conversar um pouquinho, se misturavam com o cansaço de ter

que lidar com o cenário externo pandêmico, os medos internos ansiosos e as demandas do programa, que por vezes pareciam banais tendo em vista a magnitude do que acontecia em volta.

Para além dos prazeres envolvidos em estar no grupo, a bolsa vinculada ao programa que eu recebia tomou ainda mais relevância naquele momento de crise financeira. Vinculada à pandemia e ao isolamento, a necropolítica presente na forma de gestão classista, racista e patriarcal foi escancarada pela incapacidade e ausência proposital do Estado na promoção de condições dignas e minimamente necessárias para a sobrevivência de pessoas em vulnerabilidade, reforçando o conceito citado de Necropolítica, que foi descrito por Achille Mbembe (2018) no livro intitulado *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*.

Foi inserida nesse contexto de crise sanitária, epidemiológica e social, em que eu estava oficialmente na metade da graduação, de modo remoto, e que fui convidada a construir oficialmente a gestão Carolina Maria de Jesus, do Centro acadêmico de psicologia no campus A. C. Simões. Apesar de sempre estar junto, como já citei, e de provar/ver acontecer um pouco do amor compartilhado naquele espaço, com o convite me senti enfim capaz de colaborar nessa construção. E aceitar esse chamamento à coletividade da luta estudantil organizada me parece hoje a coisa mais insana e sensata que eu podia fazer. Foi um bater de frente com minhas inseguranças num momento de grande fragilidade que era o isolamento social, mas (e talvez por isso) me possibilitou me abrir embates necessários com quem – e onde – quer que fosse, em prol da manutenção da qualidade de ensino e maior equidade de acesso ao retorno remoto que estava sendo proposto. O sentimento de pertencimento àquele espaço e de construção da minha autoconfiança não foi linear ou estável e segue dessa forma, mas foi possível graças ao apoio que recebi das pessoas que também cometeram a escolha e se comprometeram com ela. Hoje penso na potência que um abraço e o olhar teriam nesse processo.

Durante o isolamento social e o ensino remoto, se tornou cada vez mais difícil separar momentos para trabalhar e estudar de momentos de descanso, afinal eu estava no meu quarto e em aula, em reuniões de trabalho e fazendo o jantar ao mesmo tempo. Não existiam horários definidos para cumprir as demandas que surgiam. Foi cada vez mais fácil colocar uma reunião assim que a outra acabava, e com pessoas totalmente diferentes e de lugares diferentes. Isso me proporcionou um ganho muito grande de conhecimento tanto contéudístico quanto interpessoal. Conheci pessoas de muitos estados e tive acesso a encontros online que financeiramente não seriam possíveis presencialmente.

No entanto, e demorei a perceber, aqueles encontros seguidos, cheios de novas demandas, novas pessoas, me sobrecarregavam de forma que também não aconteceria no presencial. Para acompanhar eventos que aconteciam em outro estado, eu teria a empolgação, o desejo e a oportunidade de viajar e conhecer a cultura daquele lugar, teria o descanso e as conversas no caminho entre uma roda de conversa e a outra, o abraço presencial e as memórias de viver aquilo com todos os seus sentidos e sentimentos – sentindo os cheiros, as texturas e as imagens, assim como deixaria um pouco de mim naquele lugar e pessoas. Veria pelo menos mais do que a tela do meu computador, com fotos de perfil do site de chamadas online ou o quarto da pessoa do outro lado da tela, por mais íntimo que isso seja, ainda era absolutamente distante.

A universidade é apresentada como instituição que se estrutura sob um tripé de funcionamento: o ensino, a pesquisa e a extensão, que se adaptaram para se manter ao longo da pandemia. E não sentindo a transição entre momentos e espaços de trabalho e de descanso, os momentos de descanso foram sendo tomados, e fui cada vez entrando em mais atividades que eu me interessava e que se diversificavam dentro das categorias do tripé. Foi quando percebi que estava em pesquisa, extensão, monitoria, centro acadêmico, aulas regulares e no PET; isso não se sustentaria no presencial, mas me sustentava no remoto. Tudo sendo sempre acompanhado de atividades de rotina de limpeza de casa e outros cuidados que vinham com o estar em casa o dia inteiro e o não entendimento do cansaço que era produzir e estar presente nesses grupos e atividades.

A pesquisa foi o espaço em que me senti acolhida e encorajada a protagonizar a produção de ciência e de reconhecer que ciência eu quero e estou disposta a fazer. Pesquisar com mulheres sobre processos de cuidado direcionado majoritariamente a mulheres precisava também ser cuidadoso, e foi. Ainda que houvesse prazos, relatórios, encontros longos e questionamentos, sempre no início de nossas reuniões conversávamos sobre como chegamos ali, como tinha sido a semana para além da pesquisa, o que havia acontecido de bom e o que estava sendo difícil, como estavam nossas famílias, amigos/as e animais de estimação. Nesses momentos nos apresentamos, mostramos nossas casas e quem estava com a gente, para enfim dar continuidade na pesquisa.

Esses momentos de cuidado ao longo da pandemia se faziam de várias formas e em vários grupos diferentes. Parávamos uma noite para ficar em chamada de vídeo, maquiadas e vestidas como quem vai a show ou de pijama e com touca de cetim na cabeça, assistindo a live de cantores/as que gostamos e cantando a plenos pulmões nas salas das nossas casas; ou uma noite em que, com duas amigas, passei horas em ligação para falar de todos os relacionamentos

românticos, mas não necessariamente amorosos, que tivemos e quais as semelhanças e diferenças entre eles, o que achávamos sobre os passados umas das outras e o que acreditamos merecer. Nesses momentos vinha o choro e as risadas, e o tudo o que podíamos fazer era nos ouvir e estar juntas, apesar de não estarmos coladas como desejávamos.

A monitoria e a extensão realizada na área da educação foram oportunidade de assentar e consolidar conhecimentos aprendidos no curso e ter contato com outras formas de ensino e assim aprender muito em conjunto. Conheci novas possibilidades e olhares no fazer psi em sala de aula. Parte desse fazer psi na educação foi ter um pouco de contato com a prática libertadora e amorosa que bell hooks, em “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2013), explica. Mesmo não sendo diretamente professora, estar na posição de auxiliar o processo de aprendizagem me faz compreender que “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas dos nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (hooks, 2013, p. 25). Deixei a monitoria e a extensão consciente de que irei utilizar esses conhecimentos durante minha formação e atuação como profissional na área da psicologia de modo geral.

Antes de voltar ao presencial consegui reavaliar e escolher algumas coisas que queria manter, deixar ou readaptar para esse retorno. Foi um retorno gradual, cheio de incertezas e medos, com novos dispositivos e uma nova eu. O termo popularizado como “novo normal” caía por terra sempre que tentava entender onde estava a normalidade daquilo que vivíamos, apesar de compreender que não voltaríamos ao “como era antes” da pandemia.

Retorno às conversas de corredor.

As conversas nos corredores da universidade sempre foram um meio de ambientação no espaço. Antes de termos uma disciplina, conhecíamos os/as professores/as ao ouvir sobre sua aula e personalidade, sua metodologia e o que gostava de falar em sala. Trocamos sobre atividades e angústias que não mudavam de um semestre para o outro. Tais conversas foram parte da perda da vivência universitária que veio com a pandemia, apesar de termos adaptado-as para o online, nada substitui os sussurros e aquela expressão no olhar e os direcionamentos que eles davam para as nossas pessoas mais queridas se atentarem quando algum assunto emergia e precisava ser comentado. Com o retorno do presencial, os sussurros bem de pertinho se mantiveram suspensos, mas os olhares retornaram como se nunca tivessem nos deixado. O compartilhar de experiências veio de forma calorosa e carinhosa, felizes, mas apreensivas/os com a possibilidade de termos que voltar ao isolamento.

Nesse momento, se as paredes escutassem, as dos corredores saberiam tantas angústias, dores, alegrias e amores que uma pessoa só nunca seria capaz de guardar na memória. Voltei no oitavo período ao presencial e um dos grandes desafios para minha permanência na produção de ciência foi a gestão das demandas que peguei durante a pandemia. Não era mais possível sair de uma reunião a outra sem considerar o tempo de deslocamento e o cansaço físico e psicológico. E nos momentos de grande cansaço, os corredores às vezes não eram acolhedores o suficiente. A presença de um espaço físico acolhedor e que possibilitasse o choro e desabafo foi essencial para mim, eu tinha pessoas que viviam sentimentos parecidos com os meus e por vezes faltava a privacidade de estar junta e poder falar e chorar como bem quisesse.

A construção conjunta de espaços de cuidado e compartilhamento veio atrás de reorganização de salas para convivência discente e eventos que propunham o acolhimento de pessoas que se identificavam, que possivelmente tivessem semelhanças nas suas vivências, apesar das singularidades. Eventos que propunham o aquilombamento de pessoas pretas de dentro e fora da universidade, resultaram em um coletivo de pessoas pretas da psicologia. É o exemplo de como espaços de afeto e acolhimento são dispositivos potenciais para luta e descanso nos/as nossos/as iguais.

Em finais e começos amorosos.

Escrevo este artigo no fim da minha graduação, e aqui exponho minha visão atual de coisas que vivi no passado. E quase nada vivi sozinha, ainda que tudo tenha sido muito particular. O final dos ciclos são sempre cheios de dúvidas e esperanças para os próximos, alguns ciclos não se fecham, mas se transformam e todos sempre deixam algo em nós. Iniciar o estágio foi um processo de finalização de muitas coisas e início de outras. Das escolhas que fiz, percebo agora, que muitas delas foram guiadas pela oportunidade de estar sempre em comunidade.

Fiz o estágio em saúde coletiva numa Unidade Docente Assistencial que divide gestão entre a Universidade Federal e a Secretaria Municipal de Saúde, e no Hospital Universitário, no ambulatório voltado à saúde da população trans e travesti do Estado. E assim como foi durante as aulas regulares do curso, também nesse período eu estive acompanhada, em dupla, com quem sempre estive comigo nos 5 anos de curso, e que hoje está presente muito além dos muros da universidade; em grupo, com os/as idosos/as do grupo de saúde mental que facilitamos na unidade; com o grupo de supervisão que acalentava meu coração ansioso com as novas experiências profissionais; com outras/os amigas/os com quem compartilhei cuidados;

com a equipe do ambulatório trans que deu muito mais que ensinamentos, acolheu; e com todos os amores de quem sempre me ouvia.

Encontrei as mais diversas formas de amor na universidade, mesmo que fosse o mesmo sentimento e mais do que um sentimento. Vivi na universidade o amor em comunidade, estando presente em lutas estudantis mesmo que eu não estivesse na graduação quando seus resultados viessem; vivi o amor em amizades singulares e múltiplas, de quem era do meu curso e se identificava com minhas dores e amores, mas também formei redes de apoio com pessoas dos cursos que pareciam mais distantes que se pode imaginar; e ainda vivi/vivo o amor romântico, que, sendo mais que o romance que vi em filmes e li em livros, escolhe me amar fazendo e sentindo o que de fato o amor se propõe ao trocar cuidado, respeito e desejo de crescimento mútuo. E agora sei que isso pode existir para além da minha experiência, por isso escrevo.

No entanto, é difícil falar de amor quando se está cansada, irritada e se sentindo insuficiente para algo, mesmo o amor ainda estando em todos esses atos e relações citadas. E em muitos momentos essa dificuldade foi impeditiva para minha escrita. Gloria Anzaldúa lembra que “Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles” (2000, p.234), e eu escrevi/escrevo sobre mim. Mesmo com todo apoio, existem coisas que precisamos fazer sozinhas. E são nesses momentos que nosso amor por nós mesmas é posto à prova, a confiança que depositamos na capacidade de outras pessoas precisa se voltar a nós, o respeito ao tempo do/a outro/a, a gentileza ao apontar erros e falhas e as felicitações por conquistas feitas, precisam ser redirecionadas para dentro. Estar rodeada de amor não sana as dores, mas facilita vivê-las e passar por elas, e foi assim que consegui entrar e permanecer na universidade. Para além disso, pude continuar produzindo a ciência que eu queria que quem viesse depois de mim tivesse acesso.

É nesse contexto que a amorosidade se torna, na minha vivência, e de outras pessoas que trago comigo, um dispositivo que possibilita o sentido de pertencimento e encantamento no processo de construção do conhecimento que a universidade propõe, até então aparentemente frio, distante e desconectado das nossas vivências, afetos e realidades. Como teria sobrevivido a tudo, todas/os e tanto estando sozinha? Foi por viver rodeada de pessoas, em grupos, que variam na quantidade de pessoas e formas de apoio, e da prática amorosa que emanava dessas relações, que consegui me fortalecer para lidar com desafios e/ou superar os que não consegui lidar.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, [s. l.], ano 8, p. 229-236, 2000. Disponível em: [Vista do Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo](#). Acesso em: 11 mai. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 69530, de 18 de março de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do COVID - 19 (Coronavírus), e dá outras providências. Alagoas, 2020. Disponível em: [Decreto Nº 69530 DE 18/03/2020 - Estadual - Alagoas - LegisWeb](#). Acesso em: 11 mai. 2023.

EMICIDA. **Principia**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: [Emicida - Principia part. Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário - YouTube](#). Acesso em: 11 de mai. 2023.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 45, ed. 2, p. 188-208, 2020. DOI <https://doi.org/10.4000/aa.5872>. Disponível em: [A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla](#). Acesso em: 11 mai. 2023.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, v. 1, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. n-1 edições, 2018.

